

Anderson Braga
lança poemas:

Pássaro no Aquário

JORNAL DE BRASÍLIA

PÁGINA

C A D E R N O

BRASÍLIA, DISTRITO FEDERAL

TERÇA-FEIRA, 30 DE OUTUBRO DE 1990

PÁGINA

30 OUT 1990

DF - Educação

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO

Conhecer a *Escola de Ontem* pode tornar melhor a *Escola de Hoje* e mais inovadora a *Escola do Futuro*. Orientados por este pensamento, um grupo de pesquisadores trabalhou, incansavelmente, durante 11 meses, até chegar ao resultado que, a partir de amanhã, será mostrado ao brasiliense através da exposição *Memória da Educação no DF*. A mostra, que reúne documentos, fotos, filmes, troféus, uniformes, vídeos, mimeógrafos (como o famoso *Cachacinha*), móveis escolares e posters, permanecerá aberta à visitação até o dia 23 de novembro, no hall do Palácio do Buriti.

Quem estudou no Caseb, Elefante Branco, Ciem, Escola Parque ou UnB dos anos pioneiros fará verdadeira viagem no tempo. Afinal, o grupo que montou a exposição (sob a coordenação de Wanda Cozetti Marinho, 61 anos, e Vera Lessa, 40) consumiu 11 meses na busca de documentos que registrassem três décadas de experiência educacional, sempre levando em conta que, no início dos 60, os planejadores de Brasília a tinham como laboratório das idéias mais avançadas e inovadoras.

Os pesquisadores, porém, depararam-se com enorme precariedade de documentos. O jeito, então, foi buscar em fontes vivas do processo educacional brasiliense a matéria-prima. "Por sorte", diz Wanda, "a maioria dos 60 professores que compuseram o núcleo pioneiro da Caseb (Comissão de Administração da Educação em Brasília) e do Colégio Caseb permanece viva, lúcida e em Brasília. Alguns se aposentaram e muitos continuam na ativa". Daí partiu-se para campo. Os *professores-históricos*, além de fornecerem longos e detalhados depoimentos, emprestaram arquivos particulares e indicaram nomes de outros participantes ativos dos tempos pioneiros. No final do processo, o grupo contou 150 horas de depoimentos gravados, que somaram-se a 18 horas registradas pelo professor Gildo Viladino, que desenvolvia pesquisa sobre a história da Caseb.

Quem for ver a exposição poderá, além de visitar módulos que abordam temas como Alfabetização; Metodologia; Professores e Alunos (Facibra e outros projetos especiais); Associações Estudantis; Associações de Professores e Sindicato; Primeiros Professores; Primeiras Escolas e Escolas Especiais (Escola de Música, Colégio Agrícola, PROEM — Escola para Atendimento Especial ao Menor), disporá de setor dedicado à *História Oral*. Neste setor as 160 horas de depoimentos gravados estarão à disposição do interessado, que poderá ouvir testemunhas de professores e administradores como Santiago Naud, Renée Simas, Mariana Alvim, Clélia Capanema, Saber Abreu, Fábio Bruno, Ana Maria Villaboim, Aldenor Pimentel, Zaira Pereira, Teresinha Rosacruz, Wladimir Murtinho, Eurides Brito, entre muitos outros. Quem não dispuser de tempo para a audição poderá ler relatório sintético do depoimento prestado pelo entrevistado.

Pedagogium — Wanda e Vera Lessa contam que o projeto *Memória da Educação no DF* teve origem na soma de três vertentes: o Projeto Pedagogium, do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais), que pretende documentar a Memória da Educação Brasileira; o

Escola viva

Abre, amanhã, no Buriti, o primeiro levantamento iconográfico da Educação no DF que assume a memória como elemento vivo e construtora do futuro



Escola de Artes, 1959, frente da Biblioteca Visconde de Porto Seguro, uma das fotos que conta a história da Educação no DF

projeto do professor Gildo Viladino, de contar a história da Caseb, e o projeto *Memória do Futuro*, desenvolvido pelo Arquivo Público do DF, junto a alunos da Rede Pública.

"Nós", explicam, "somamos tais vertentes e, com apoio da Secretaria de Educação/FEDF e Secretaria de Cultura/Arquivo Público saímos em

campo. Como grande parte da *Memória da Educação no DF*, em especial nos momentos mais conturbados, foi destruída, bebemos em todas as fontes possíveis". Da primeira greve da área educacional em Brasília, ocorrida em setembro de 1960, não sobrou nenhuma documentação. O processo que resultou no indicia-

mento de vários professores só deixou — e mesmo assim poucos — registros nos arquivos do Congresso Nacional.

Wanda e Vera fazem questão de deixar claro que a equipe trabalhou sob orientação geral: reunir todos os documentos possíveis e colher os depoimentos necessários, sem tomar

partido. "A nós", reforçam, "não interessa se um dos entrevistados tem a história da Educação no DF como um processo harmônico e outro a narra como processo marcado por grandes contradições e conflitos". Por isto, o material reunido pelo projeto *Memória da Educação no DF* está em estado bruto. "Os pesquisado-

Taffo, depois
do prêmio, grava
Rosa Branca

res", diz Vera Lessa, "que vierem buscar, nestas fontes, matéria para reflexão tirarão suas próprias conclusões".

Histórias curiosas — Nos depoimentos colhidos entre professores, alunos e autoridades educacionais, as duas pesquisadoras destacam dois momentos curiosos. Um deles diz respeito ao nome do Colégio Elefante Branco. Outro ao estudante Fernando Collor de Mello.

□ No início de Brasília, tudo era muito difícil. A Caseb funcionava numa construção de madeira. Já o prédio destinado ao Centro de Ensino Médio não ficava pronto nunca. Todo mundo perguntava: Este elefante branco sai ou não sai? Quando, finalmente, em 1961, ficou pronto, o nome já havia pegado. O colégio transformou-se no Cembab (Centro de Ensino Médio Elefante Branco). Seu símbolo, ainda hoje, é um pequeno elefante, de cor branca. Em 1963, o Cembab foi palco do primeiro vestibular para interessados em ingressar na UnB.

□ O Ciem (Centro Integrado de Ensino Médio) era o colégio mais badalado de Brasília. Nele estudava a elite intelectual brasiliense. Num certo ano letivo, a escola recebeu dois alunos especiais, que chamaram atenção logo de saída porque vinham de Paris, onde estudavam. Estes dois alunos, segundo depoimento colhido com Zaira Pereira, eram Fernando Collor de Mello (hoje Presidente da República) e Marcos Coimbra (filho do hoje secretário-geral da Presidência da República, embaixador Marcos Coimbra). Pelo depoimento de Zaira, "o jovem Fernando era um aluno correto, responsável com ares de quem sonhava já, com a Presidência da República". Marcos era diferente: "Militava em movimentos de esquerda, então férteis no movimento estudantil, tanto o universitário, quanto o secundarista". Nos idos de 68, o Ciem começou a ser podado em sua condição de escola especial, onde, em tempo integral, os alunos desfrutavam dos melhores professores, de Clubes de Poesia, de Astronomia, de Cinema, além de avançadas experiências de Educação pela Arte. Para que o Colégio perdesse parte de sua politização, o então vice-reitor da UnB (o Ciem funcionava como escola de aplicação da Universidade) deu início a um processo de punições que atingiu muitos alunos, entre eles o hoje jornalista Hélio Doyle, ex-presidente do Sindicato da categoria. O fim do colégio ocorreu em fevereiro de 72. Quando os alunos voltaram para o ano letivo, foram informados de que a escola não existia mais.

Registros destes e de outros momentos importantes deverão ser armazenados no *Museu da Educação no DF*. Wanda e Vera aguardam, esperançosas, que a Secretaria de Educação e a de Cultura unam esforços para criar, na Escola Júlia Kubitschek, o centro da memória educacional brasiliense. Na UnB, o INEP espera plantar centro similar, só que de dimensão nacional.

□ **MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO NO DF** — Exposição que conta a história do processo educacional em Brasília, desde os anos pioneiros. No hall do Palácio do Buriti. Inauguração amanhã, às 19h00. Aberta ao público nos dias úteis, até 23 de novembro (das 9h00 às 18h00). Visita especial de caravanas escolares que contarão com préstimos de monitores. Entrada franca.

Ano após ano o despertar da consciência e a construção cidadã

Anos 60

Rebelião da Moradia — Em setembro de 1960, os professores fizeram sua primeira greve. Protestavam contra o Governo, que prometera moradia decente a todos que para cá viessem se dedicar ao magistério. Só que ao invés de casas para abrigar quatro ou cinco filhos, muito receberam um apartamento JK, rebatizado de Janela e Kitinete. Ou seja, quarto e sala. O protesto não deu frutos. O Governo esperou o semestre acabar e, em janeiro de 1961, quando regressaram ao trabalho, 60 professores estavam demitidos. Justificativa: não se adaptavam ao projeto educacional de então. Estavam em "desarmônia" com o conjunto.

Invasão de Casas — Em 1962, a Associação dos Professores, presidida por Fábio Bruno, comandou invasão de casas na W-3 Sul. O processo foi bem organizado. O professor se mudava para determinada residência com seus familiares. Como não podia sair, recebia apoio logístico de colegas, que levavam comida e até água, pois as autoridades chegaram a interromper o fornecimento de luz elétrica e de água. Nesta

invasão, os professores foram vitoriosos, pois o Estado acabou cumprindo, pela força do movimento, a promessa feita quando recrutou professores, pais afora.

Março de 1964 — Catorze dias depois do golpe militar, Brasília assistia à primeira cassação de professores do país. A mobilizadíssima Associação dos Professores era posta na clandestinidade, e suas lideranças cassadas (entre eles, Fábio Bruno, Aldenor Pimentel e Renée Simas).

Dezembro de 1968 — A crise se instala nas instituições educacionais. Com o Ato Institucional N° 5, a UnB, o Ciem, o Elefante Branco e outros pontos de agitação estudantil são perseguidos. O sonho de Anísio Teixeira, Darcy Ribeiro e outros educadores sofre seu mais duro revés.

Anos 70

Os movimentos estudantil e sindical são paralisados, pelos depoimentos colhidos pelo projeto *Memória da Educação no DF*. O período de 69 a 75 é o mais difícil de todos. Não havia mais horário integral nas escolas, a idéia de construir-se uma Escola Parque a cada quatro super-

quadras estava definitivamente esquecida. Os grêmios estudantis, tão ativos até dezembro de 68, foram substituídos por Centros Cívicos, que cultivavam o ufanismo do Brasil Grande, da Transamazônica, do Mobral, da Ponte Rio-Niterói.

1975 — O embaixador Wladimir Murtinho, a convite do governador Elmo Serejo, assume a Secretaria de Educação e Cultura. Resolve, então, dar ênfase cultural ao cotidiano da Escola. Dá força total à EMB (Escola de Música de Brasília).



Wanda Cozetti e Vera Lessa: não há modernidade sem memória

lia) que promove edições históricas do Curso Internacional de Verão; apóia o ensino de teatro e apresentação de espetáculos (inclusive com o Projeto Carrossel) nas escolas; constrói centros educacionais equipados com auditórios, projetos de cinema e outros instrumentos de difusão cultural. Cria o Nutel (Núcleo de Televisão). Estimula a ida de professores à França para se qualificarem. Em cada nova escola, reserva espaço para Biblioteca e sala de mães, de forma que estas passem a frequentar o Centro de Ensino. Numa conversa com a Associação dos Professores, que renasce depois do vendaval, sugere que se transforme em sindicato, para dialogar, com mais força, junto ao Governo.

1970 — Eurides Brito assume a Secretaria de Educação e Cultura. Enfrenta com pulso de ferro uma greve dos professores. Muitos deles foram demitidos. Por ser a primeira educadora a chegar a titular da pasta, ela investe na área pedagógica. Exige de diretores e professores em cargo de confiança que mantenham seus filhos na rede pública. "Se o diretor e seu quadro de apoio", defendia, "não acredita na escola pública, como poderá melhorá-la?"

Anos 80

Verifica-se enorme crescimento demográfico no DF. As escolas não são suficientes para atender aos novos alunos. Institui-se, então, o turno da fome. Ao invés de período matutino, vespertino e noturno, a Escola passa a contar com um quarto turno, chamado oficialmente de intermediário. Hoje, muitos professores (inclusive o Sindicato da categoria), atribuem a este fator, peso decisivo na péssima qualidade do ensino.

1985 — Fábio Bruno, pioneiro criador da Associação dos Professores, assume, no alvorecer da Nova República, o cargo de diretor da Fundação Educacional e depois, com o desmembramento da Secretaria de Educação e Cultura em duas, torna-se secretário de Educação. Readmite os professores cassados nos anos do arbítrio, cria o Centro Básico de Alfabetização, mas não consegue levar adiante seu projeto educacional. As contradições da Nova República se avolumam. Os anos 80 são um tempo de perplexidade. A solução virá nos anos 90? Esta exposição mostra o passado num espelho, e pretende que ele reflita luzes capazes de ajudar na busca de um futuro melhor. (MRC).